



FALANGE MIÚDA

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Sinal-termo oficial da comunidade das pessoas surdocegueira brasileiras

Ana Regina e Souza Campello¹

DESU / INES

Alinny Umeno Nogueira²

Consultora

Susan Kelly Gonçalves de Sousa³

Consultora

Rosani Suzin Santos⁴

Consultora

RESUMO

O presente artigo ratifica a mudança do sinal-termo através de debates junto ao grupo do *WhatsApp* de pessoas com surdocegueira que querem mudar e criar o sinal-termo para ser publicado em periódicos. A discussão, determinação da criação e aprovação de sinais-termo partiu do grupo “Movimento dos Surdocegos do Brasil” que objetiva orientar o uso de um sinal-termo de forma padrão nas conferências, eventos e salas universitárias que são produzidos no território brasileiro onde as pessoas com surdocegueira participam junto com os Intérpretes de Libras e de Guia Intérprete da modalidade Tátil. Os fundamentos teóricos utilizados na pesquisa de sinal-termo basearam-se nas características essenciais das culturas das comunidades de pessoas surdocegueira e autores das áreas dos Estudos Surdos, da Tradução, do Léxico e da Terminologia. As pessoas com surdocegueira se utilizam de uma língua de modalidade gesto-visual-tátil, onde as informações são passadas em seu próprio corpo e no espaço de recepção. Foi utilizado a metodologia de abordagem qualitativa e levantamento de dados dos três sinais-termo com as análises descritivas, do conforto linguístico (Diniz, 2011 e Schmitt, 2008), das restrições fonológicas da língua de sinal de forma padrão no ato da sinalização e da metodologia do Costa (2020). Concluindo de que a comunidade pessoas com surdocegueira, através das descrições e

¹ Doutora, Pesquisadora e Professora de Ensino Superior – Departamento de Educação Superior - DESU do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Endereço: Rua do Catete, 247 / 704 – Catete – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22220-001. ORCID: 0000-0003-1464-9524. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6945261731062194>. E-mail: acampello@ines.gov.br

² Graduação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - EAD. Consultora e Professora de Libras e Tátil. São Paulo – SP – Brasil. Endereço para correspondência: Rua do Lavapés, 415. Ap 54 BL B, Bairro Cambuci - São Paulo/SP. Cep: 01519-000. ORCID: 0009-0007-1598-2368. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1293214233167750>. E-mail: profalinnyumeno@gmail.com.

³ Mestra em Instituto de Letras – Universidade de Brasília – UNB. Brasília. DF. Brasil. Endereço para correspondência: Quadra 510, conjunto 29 lote 02 – Recanto das Emas – DF. CEP:72600-000. ORCID: 0009-0008-0198-2997. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6312824194667542>. E-mail: susankelly336@gmail.com.

⁴ Graduação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - EAD. Consultora e Professora de Libras e Tátil. Curitiba - PR – Brasil. Endereço para correspondência: Rua Bento Viana, 932 / 142 – Água Verde – Curitiba – PR. CEP: 80240-110. ORCID: 0009-0002-5654-9302. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8161842017630193>. E-mail: rosanisuzinsc@gmail.com.

explicativos, passaram a entender e aprovaram, através de enquete, o uso de um sinal-termo padrão de modo correto e fácil de ser aplicada no ato da sinalização e da tradução e interpretação tátil nas conferências e eventos afins.

Palavras-chave: Surdocegueira; Sinal-Termo; Tradução Tátil; Interpretação Tátil.

OFFICIAL SIGN TERM OF THE BRAZILIAN DEAFBLIND COMMUNITY

ABSTRACT

This article ratifies the change of the sign-term through debates within a WhatsApp group of deaf-blind people who want to change and create a sign-term to be published in periodicals. The discussion, determination of the creation and approval of sign-terms originated from the group "Brazilian Deaf-Blind Movement," which aims to guide the use of a standardized sign-term in conferences, events, and university settings throughout Brazil where deaf-blind people participate along with sign language interpreters and tactile guide interpreters. The theoretical foundations used in the sign-term research were based on the essential characteristics of the cultures of deafblind communities and authors in the fields of Deaf Studies, Translation, Lexicon, and Terminology. Deafblind people use a gestural-visual-tactile language, where information is conveyed through their own bodies and in the reception space. A qualitative approach methodology was used, collecting data on the three sign-terms with descriptive analyses, linguistic comfort (Diniz, 2011 and Schmitt, 2008), phonological constraints of the standard form of sign language in the act of signing, and the methodology of Costa (2020). Concluding that the deaf-blind community, through descriptions and explanations, came to understand and approved, through a survey, the use of a standard sign-term in a correct and easy-to-apply manner for signing and tactile translation and interpretation at conferences and related events.

Keywords: Deafblindness; Sign-Term; Tactile Translation; Tactile Interpretation.

INTRODUÇÃO

Antes de falar sobre essa especificidade sobre pessoas com surdocegueira, é preciso mencionar os dispositivos legais que amparam estas pessoas com surdocegueira, sua acessibilidade comunicacional e mobilidade, caso das Leis nº 9.396/96 (Brasil, 1996), 14.191/21 (Brasil, 2021) e 14.605/23. Pesquisas científicas proporcionam a difusão de conhecimento, identificam lacunas e tentam encontrar soluções para o funcionamento dos sistemas “diferenciados”. Esta pesquisa, a partir dos debates com pessoas com surdocegueira, reflete a necessidade de mudanças e de mostrar resultados de pesquisas, divulgado em artigos e outros. O objetivo do estudo é: melhorar o processo

da interpretação em Libras-Tátil⁵

O primeiro passo é esclarecer quem são as pessoas com surdocegueira?

A pessoa com surdocegueira é uma pessoa que apresenta deficiente visual e da perda de audição (no caso da surdez). A perda destes sentidos leva-a a ter necessidades e características específicas para acessar a comunicação, as informações e orientações, bem como à sua mobilidade (Rocha, 2016).

No Brasil, a comunidade das pessoas com surdocegueira tem demandas específicas em relação à e como não nos encontramos fisicamente, devido às dificuldades da mobilidade urbana (acesso na arquitetura urbana e de trânsito) e comunicacional (acesso às informações), que a sociedade / governo público não adaptou ou não foram pensados para atender à oferta a pessoas com surdocegueira nos espaços públicos. Apesar disso, em 2019, a comunidade de pessoas com surdocegueira criou um grupo no *WhatsApp* denominado “Movimento dos surdocegos do Brasil”. Até o momento há cadastradas nesses grupos cerca de 386 pessoas com surdocegueira, as quais trazem suas especificidades comunicacionais e visuais (a maioria das pessoas com surdocegueira tem baixa visão). O grupo tem o logotipo registrado na figura 1, abaixo:

Figura 1: Logotipo do Movimento das pessoas surdocegueira do Brasil



Fonte: Logotipo do Movimento dos Surdocegos do Brasil do *WhatsApp*.

⁵ É a Libras realizada na palma de uma das mãos de pessoas surdocegas por meio de um profissional identificado como guia-intérprete, que se utiliza de diversos recursos de comunicação.

Conviver, pessoalmente, com as pessoas com surdocegueira demanda sentir empatia para entender seu mundo, um mundo igual para todos, mas perceptível de forma diferente pelas pessoas com surdocegueira, que possuem um tipo de comunicação específico, quer seja, pela comunicação tátil, háptica ou outro tipo de comunicação, desde que seja aquela que eles desejem, optem ou estejam acostumadas a usar com as outras pessoas que não são pessoas com surdocegueira. Por isso, os profissionais que irão lidar ou trabalhar com eles:

(...) precisam ter conhecimento e técnicas específicas para que se possa desbravá-lo com mais habilidade e eficiência (Grupo Brasil, 2005, apud Lourenço, 2012, p.110)

Historicamente, o grupo de pessoas com surdocegueira, no Brasil, começou nas igrejas, e com a criação de Grupo denominado de “Pastoral de Surdos” da Igreja Católica, e os surdas/intérpretes puderam interpretar para as pessoas com surdocegueira que ali frequentavam, o mesmo ambiente religioso. Logo depois, essa experiência foi se ampliando com as interpretações realizadas em seminários, congressos e depois em salas de aulas das universidades.

A profissão de guia-intérprete foi recentemente reconhecida e regulamentada pela Lei nº. 12.319/2010 (Brasil, 2010). O Estatuto do Tradutor, Intérprete e Guia-Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras – TIGLSP foi modificado com o advento da Lei nº 14.704/23 (Brasil, 2023), após o movimento da FENEIS e da comunidade Surda do Brasil, com a necessidade de implementar a acessibilidade comunicacional das pessoas Surdas.

As comunicações, informações e contatos só funcionam quando as “interações sociais acontecem quando duas ou mais pessoas se encontram com o objetivo de estabelecer um contato” (Silva e Arce, 2010, p. 122). As autoras afirmam que a interação social é “um processo que se dá a partir e por meio de indivíduos com modos históricos e culturalmente determinados de agir, pensar e sentir, sendo inviável dissociar as dimensões cognitivas e afetivas dessas interações e os planos psíquico e fisiológico do desenvolvimento decorrente” (idem, p. 122).

As relações interpessoais são extremamente importantes para a pessoa surdocega, pois é por meio delas que os indivíduos desenvolvem sua capacidade de integrar

competências em áreas emocionais e cognitivas, favorecendo a adaptação e convívio nos diferentes contextos sociais.

JUSTIFICATIVA

Com as relações interpessoais, em caráter presencial, por meio do contato tátil com as pessoas com surdocegueira, em encontros, eventos ou discussões, por exemplo no WhatsApp com o uso de vídeos, cresceu a preocupação de se criar um sinal-termo para se referir adequadamente às pessoas com surdocegueira, seja em discursos, seja na sinalização durante o processo de tradução e interpretação dos guias-intérpretes.

Devido à necessidade comunicativa e às diversas mudanças que ocorrem no tecido social, o falante é motivado a criar palavras ou sinais, ampliando o vocabulário e se adequando às novas situações comunicativas de seu cotidiano (Santos, 2020, pág. 2)

Por isso, a comunidade de pessoas com surdocegueira⁶ se preocupou com a referência ao sinal-termo para representar “surdocego” no ato de tradução tátil. Durante o processo de tradução e interpretação via tátil, pessoas com surdocegueira se atrapalhavam com a sinalização tátil do sinal antigo para se referir a pessoa com surdocegueira. Trata-se de um sinal pouco claro, que comprometia a compreensão do significado.

A criação de sinal-termo está amparada nos estudos de Terminologia e da Linguística, a partir dos quais apontamos que se trata de refletir acerca de neologismos, terminologias, profissionais guias-intérpretes de Libras, com reflexões que culminam com a criação de sinal-termo específico para efetivar a comunicabilidade entre eles.

OBJETIVO GERAL

Este estudo tem como objetivo tornar mais claro o manuseio tátil com a criação de novo sinal-termo para se referir a “pessoas com surdocegueira”, especialmente no ato da

⁶ Os surdocegos têm sua própria cultura, criando uma comunidade com pessoas com surdocegueira, semelhante à comunidade de surdos e cegos. Cada comunidade é composta por um grupo de indivíduos que passa por experiências semelhantes. Apesar da grande diversidade de formas de comunicação, alguns indivíduos surdocegos veem sua condição como parte de sua identidade (Síndrome de Usher do Brasil, 2016).

tradução/interpretação, de maneira clara e compreensível; modificação necessária para atender à confortabilidade linguística das pessoas com surdocegueira no ato da tradução/interpretação pelos intérpretes e guias-intérpretes de Libras do sinal “pessoas com surdocegueira”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO, DO LÉXICO E DA TERMINOLOGIA

Do Papel de Intérprete e Guia-Intérprete de Libras

Conforme Quadros (2004, p.7), o intérprete de língua de sinais é uma pessoa que interpreta de uma língua fonte para uma língua alvo; de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais. Acrescenta que o guia-intérprete é o profissional que domina as diversas formas de comunicação utilizadas pelas pessoas com surdocegueira, podendo fazer interpretação ou transliteração. Acerca da Teoria de Transcrição, Silva (2022, p.24) explica que:

A Teoria da Transcrição tem como objetivo recriar o texto original em outro texto na língua de chegada, usando em sua totalidade, todos recursos que a língua de chegada apresenta; e se oferecer como ferramenta durante o processo de reconstrução desse novo texto reproduzido na língua de chegada. Potencializando um olhar intermodal e intramodal, entendemos que, nesse jogo, se encontram as línguas, pois assim se faz o ato tradutório e interpretativo.

No caso da interpretação, o guia-intérprete recebe a mensagem em uma língua, oral⁷ ou em língua de sinais, cujas formas de interpretação que cabem a esse profissional, mais adiante são descritas, geralmente em uma forma considerada Libras tátil⁸.

Na transliteração, o guia-intérprete transpõe palavras ou as letras do alfabeto, da língua portuguesa, por exemplo, para a soletração manual em língua de sinais ou do sinal “comum” sem precisar usar uma marcação tátil.

⁷ No caso, da Língua Portuguesa, oralmente verbalizada.

⁸ Libras tátil é uma redução articulatória e a diminuição do campo de sinalização com aspectos que sofrem alterações linguísticas em comparação com a Libras. A questão é que essas alterações são vistas por pessoas com surdocegueira como adaptações, sem que tais diferenças sejam associadas à própria natureza do sistema linguístico (Oliveira; Lessa-de-Oliveira, 2022, p.268).

Quadros e Souza (2008) descrevem essa modalidade de interpretação, em nível de Estudos da Tradução, sendo utilizada como um recurso, um “empréstimo linguístico” durante o processo tradutório. Assim, quando o guia-intérprete recebe a mensagem em uma determinada língua e transmite às pessoas com surdocegueira, na mesma língua⁹, ele pode se utilizar de formas e língua(gem)(s) diferentes, mais acessíveis às pessoas com surdocegueira.

O trabalho de guia-intérprete possibilita que as pessoas com surdocegueira tenham uma interação maior e melhor, além do acesso ao lazer, ao trabalho, à educação, aos objetos e pessoas. Dessa forma as pessoas com surdocegueira podem tomar decisões com autonomia e, assim, viverem plenamente seus direitos de cidadão.

Os profissionais guias-intérpretes, além de estarem aptos a fazerem esse trabalho, devem fazê-lo com respeito e ética. Eles se tornam um elo das pessoas com surdocegueira com o mundo, e as pessoas com surdocegueira necessitam de formas específicas de comunicação.

Em experiências junto a pessoas com surdocegueira, em trabalho como Surdo Intérprete¹⁰ ou Surdo Guia-Intérprete, nos ambientes em que muito se trabalha(va) voluntariamente, utiliza(va)-se recursos para transmitir informações sutis, as quais nenhum intérprete de Libras não-surdo conseguia traduzir tão bem. Sendo sinalizante, surdo e culturalmente imerso no mundo da língua de sinais, os surdos sabem usar diferentes recursos ou elementos linguísticos, para dar uma fluidez na comunicação entre surdos e surdocegos.

No Decreto nº 5.296/2004, o profissional guia-intérprete é citado no Art. 6º, § 1º, III, para fazer o atendimento às pessoas surdocegas, da seguinte forma:

III - Serviços de atendimento para pessoas com deficiência auditiva, prestado por intérpretes ou pessoas capacitadas em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e no trato com aquelas que não se comuniquem em LIBRAS, e para pessoas surdocegas, prestado por guias-intérpretes ou pessoas capacitadas neste tipo de atendimento (BRASIL, 2004).

⁹ A função do guia-intérprete surdo, não se restringe a ‘copiar’ o que um intérprete de Libras, geralmente um não surdo, produz. O discurso que ele transmite às pessoas com surdocegueira ocorre numa modalidade de interpretação chamada comumente de “espelho” ou “reinterpretação” (Campello e Castro, 2013).

¹⁰ Surdo Intérprete é um profissional surdo que atua na tradução e interpretação de línguas de sinais. A sua função é facilitar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, e entre diferentes línguas de sinais ou variações culturais, assegurando a acessibilidade e a inclusão em diversos contextos, como escolas, empregos e acompanhamento às pessoas com surdocegueira (Nota das autoras).

Sujeitos com baixa ou de pouca visão (campo visual reduzido) também precisam do profissional guia-intérprete para entender os sinais em determinado campo visual.

As pessoas com surdocegueira (aquelas que não podem ver) precisam de Libras Tátil para captar e entender os sinais-termo e seus significados no determinado ponto de locação, espacial, expressão facial/corporal, toques e da transliteração.

Sinais-Termo nos Estudo do Léxico e da Terminologia

A denominação “sinal-termo” foi criada em 2012 por Faulstich (Universidade de Brasília) cujo conceito se configura-se para:

designar um sinal que compõe um termo específico da LSB, no caso desta pesquisa, os sinais-termo apresentados referem-se a termos do Corpo Humano apresentados em LSB (Costa, 2012, p. 33).

Costa (2012) deixa claro que a denominação conceitual de “sinal-termo” distingue o uso do sinal para o léxico comum, do sinal-termo para o léxico especializado e, por isso, adotamos neste estudo o “sinal-termo” do modo especificado, assim como acontece nos Estudos de Tradução.

Assim, a expressão sinal-termo, para citar termos técnicos e científicos em Libras, vem crescendo exponencialmente no meio acadêmico, graças à formação de Surdos Mestres e Doutores nos cursos de pós-graduação. O aumento dos sinais-termo surge como resposta à necessidade de ampliação do léxico da língua de sinais nas áreas de especialidade, no caso dos estudos na área da surdocegueira, da cegueira, assim como nos estudos da Tradução.

As investigações sobre as línguas de sinais, tanto no Brasil como no mundo, assim como as pesquisas em Terminologia das línguas de sinais são uma realidade. O número de produções acadêmicas e dos cursos ofertados pelo governo, em parceria com as universidades, cresceu visivelmente.

Características diferenciais das Pessoas com surdo-cegueira

Nem todas as pessoas surdas são cegas e nem todas as pessoas surdocegas têm “baixa visão”. Cada pessoa tem seu caso diferente um do outro, assim como se define o grau da “surdez” das pessoas surdas. Cada pessoa tem seu grau, seu sentido, sua comunicabilidade e sua mobilidade diferenciada.

Segundo o ponto de vista sensorial de Miles e Riggio (1999) e os conceitos da cegueira pela Organização Mundial de Saúde (1982), as pessoas com surdocegueira podem ser:

- indivíduos surdos profundos e cegos;
- indivíduos surdos com pouca visão;
- indivíduos com baixa audição e cegos;
- indivíduos com alguma visão e audição.

Além do guia-intérprete, as pessoas com surdez e baixa visão também precisam de outros recursos, tais como:

- óculos, lupas e minitelescópios para ampliação das telas;
- leitor de telas;
- recursos de configuração do sistema e do navegador para alterar cores, tamanhos das fontes, estilo do ponteiro do mouse, entre outros;
- monitores com telas grandes.

Portanto, para identificá-los, se faz necessário questionar ao seu par, o grau da cegueira, da surdez, do tipo de comunicação, tipo de recursos ou elementos linguísticos que necessita para receber as informações, antes de trabalhar com eles. Os elementos linguísticos que podem variar de acordo com a escolha deles. Vamos passar para outro subcapítulo sobre as situações comunicacionais que deliberaram o uso de sinal-termo.

Situação Comunicacional pela Tradução e Interpretação por Libras-Tátil

1. O que e como garantir a acessibilidade comunicacional às pessoas com surdocegueira?

As autoras, Campello e Lemos (2020) em material didático produzido em forma de apostila, tratam sobre surdo-cegueira e, ao mesmo tempo, apontam os usos dos elementos linguísticos, como: Libras-tátil, Libras em campo reduzido, tadoma, alfabeto datilológico tátil, alfabeto datilológico em letra de forma.

1.1. Libras-Tátil¹¹

A Libras-tátil é realizada na palma de uma das mãos com o apoio do guia-intérprete. O guia-intérprete de Libras deve ter formação em Letras Libras.

Há dois tipos de Libras-tátil: soletração manual ou sinalização em Libras, sendo que o primeiro tem que soletrar letra por letra na palma da mão das pessoas com surdocegueira, que pode ser “rítmica” ou “soletração manual”. No segundo tipo, as duas mãos da pessoa surdocegueira devem estar apoiadas em cima de cada mão (ou de uma da mão) do guia-intérprete para que possa sentir a estrutura da Libras durante a sinalização em Libras-tátil.

Esse é o tema do artigo mais debatido devido à variação linguística e dos novos sinais-termo que não estão muito em afinidade devido à condição da pessoa com surdocegueira e da parca comunicação.

1.2. Libras em Campo Reduzido¹²

Para quem já nasceu surdo e adquiriu a surdocegueira: o guia intérprete precisa saber primeiramente sobre o tipo de perda de visão, seu posicionamento diante do campo visual, se precisa de Libras-tátil ou se basta sinalizar. É necessário saber, também, qual a distância necessária para que seja acessível, pois somente as pessoas com surdocegueira podem dizer a distância que limita seu campo visual. Após os questionamentos, o intérprete ou guia-intérprete deve se posicionar em um lugar claro, iluminado, a distância previamente combinada.

1.3. Tadoma¹³

Quando a pessoa nasce ouvindo e vendo e adquire a surdocegueira, pode ser que se adaptem bem ao tadoma que consiste no ato de as pessoas com surdocegueira colocarem a mão em forma de “L” no queixo, próximo à boca do intérprete ou guia-intérprete, e sentir a vibração de sua fala. Não precisa falar alto para eles sentirem a vibração. Eles sentem a vibração com o movimento pela articulação dos lábios.

¹¹ É uma adaptação da Libras, uma vez que consideram que a diferença entre ambas se restringe à mudança da percepção dos sinais, que deixa de ser visual e passa a ser tátil. (Oliveira e Lessa-de-Oliveira, 2020)

¹² É a comunicação em que o guia-intérprete sinaliza com movimentos de menor amplitude e em que a pessoa surdocega precisa se afastar do sinalizador para aumentar seu campo de visão. (Santiago, 2022, p. 7)

¹³ É a comunicação em que a pessoa surdocega encosta a mão, Tateando o maxilar e a garganta, para sentir a articulação da fala e a vibração das cordas vocais. (Santiago, 2022, p. 5)

1.4. Alfabeto Datilológico Tátil¹⁴

O alfabeto datilológico tátil é o alfabeto manual desenhado na palma da mão da pessoa surdocega, letra por letra, por intérprete ou guia-intérprete. O cotovelo da pessoa surdocega pode ser apoiado em cima de um espaço plano ou de mesa para começar a receber as informações na palma de sua mão.

1.5. O Alfabeto Datilológico em Letras de Forma¹⁵

O intérprete ou guia-intérprete escreve cada letra na palma da mão ou nos braços da pessoa com surdocegueira. Essa escrita precisa acontecer em alta velocidade, pois o palestrante ou o interlocutor que deseja conversar ou passar as informações para as pessoas com surdocegueira nem sempre pode esperar. O guia-intérprete também pode combinar com as pessoas com surdocegueira alguns códigos para determinadas letras agilizando a informação.

1.6. Braille

O braille baseia-se em 64 símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos cada, como um processo de leitura e escrita.

1.7. Braille-tátil¹⁶

O Braille-tátil é um sistema de comunicação de pontos dispostos de formas variadas, que podem ser:

- Brailler ou Tellethouch corresponde a uma “máquina de escrever constituída de seis teclas. Uma característica importante da técnica braille é que ela independe de materiais físicos como o reglete, a punção ou a brailler para ser comunicativa” (Garcia, 2006, p. 94); é um aparelho de conversação e tem teclado de uma máquina braille e um teclado normal. Para o teclado braille, assim como para o teclado comum, levanta-se a parte de trás do

¹⁴ É o uso do alfabeto manual utilizado pelos surdos. O interlocutor faz a letra na palma da mão da pessoa surdocega. (São Paulo, 2019)

¹⁵ Consiste em realizar o alfabeto manual (dactilologia) na palma da mão da pessoa com surdocegueira. (Godoy, 2011)

¹⁶ É o sistema alfabético com símbolos em relevo que faz uso do tato para identificar as letras representadas nas Celas Braille - seis pontos dispostos em duas colunas preenchidos ou perfurados em combinação diferente para cada letra do alfabeto. (Santiago, 2022, p. 4)

aparelho, que é uma pequena chapa de metal, a chamada "cela braille", e se registra uma letra de cada vez.

Há outros recursos que também podem ser utilizados, mas dependem da educação que recebem nas escolas ou nos institutos de cegos. Entre eles: Computador para Braille, Alfabeto Malossi, Tablitas de Comunicação, Sistema Pictográfico, Fala Ampliada, Recurso de LOOPS¹⁷ e Comunicação Social Háptica.

São várias as estratégias e formas didáticas para a formação de pessoas surdocegas e de surdos com baixa visão: aprender a responder perguntas, pensar e formular as perguntas, procurar respostas, tocar bastante para aperfeiçoar os detalhes, entender melhor o seu desenvolvimento, adquirir novos vocabulários, manuseio da bengala, sentir e explorar mais através dos toques.

De acordo com Souza (2013, p.50), “uma atividade tradutória não compreende apenas o domínio de duas línguas; sendo assim, pessoas bilíngues não necessariamente são pessoas que possam ser consideradas tradutoras ou intérpretes”. Albir (2005, p.15-57), diz que a competência tradutória, está no conhecimento especializado somado às habilidades que diferenciam um *tradutor* de um falante bilíngue, *não tradutor*. Traduzir demonstra ser uma atividade bem complexa; não se trata apenas de uma ação linguística (Souza, 2013, p.50), conforme apresentado nas figuras 1, 2 e 3:

Figura 1 - Atividade Libras-Tátil	Figura 2 - Transliteração	Figura 3 - Atividade com ênfase
-----------------------------------	---------------------------	---------------------------------

¹⁷ É um aparelho de amplificação sonora que ajuda na recepção de uma determinada mensagem.



Fonte: Elaborada por uma das autoras

As técnicas e adaptações que devem ser realizadas pelo guia-intérprete durante as interpretações em Libras Tátil, numa comunicação com as pessoas surdocegas, com ênfase na transmissão das expressões não manuais (corporais e faciais), Movimentos e Locação (Quadros e Karnopp, 2004), que precisam ser mais explicitadas pelos profissionais para uma boa interpretação das falas e narrativas que acontecem nos diversos ambientes linguísticos.

Sinal-Termo e suas mudanças

Antigamente, as pessoas com surdocegueira não eram inseridas nas universidades por falta de oportunidade. Com a criação do curso de Letras Libras, uma das autoras deste artigo começou a participar como professora do ensino de Libras e militante da comunidade de pessoas com surdocegueira, no tocante à acessibilidade e à difusão das informações acerca de diferentes temas a seus pares e às pessoas com surdocegueira, especialmente no *WhatsApp*.

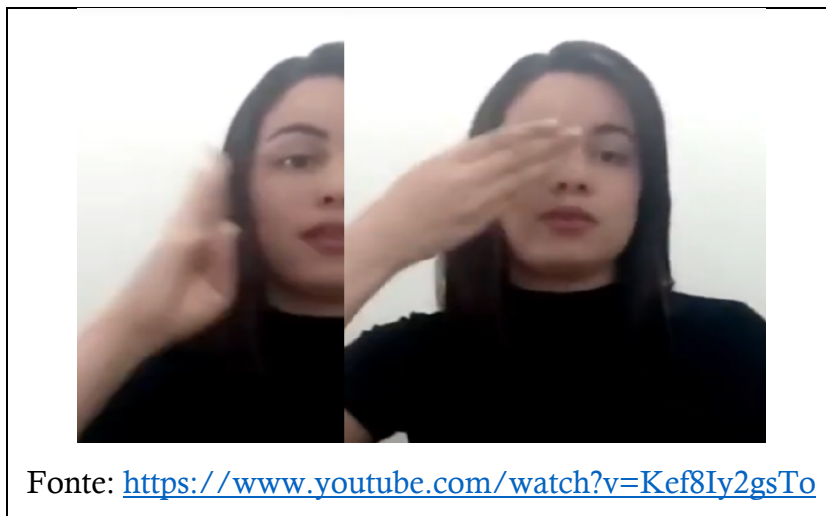
Segundo Rocha (2016), para que uma pessoa com surdocegueira “sinta-se confortável, tanto as informações discursivas como as abordagens comportamentais e

circunstanciais no processo de tradução e interpretação, devem se valer dos parâmetros gramaticais¹⁸”.

No processo de tradução e interpretação, a mensagem tem que passar a forma bem específica e diferenciada de uso comum da Libras e das posições dos parâmetros da Libras: Configuração de Mãos, Locação etc. Geralmente é arbitrado pelo guia-intérprete (sabendo quais os melhores modos de organizar o espaço de atuação; para o seu conforto e das pessoas com surdocegueira, no espaço e do corpo), mas que poderá ser negociado com as pessoas com surdocegueira com o qual ele irá trabalhar na tradução / interpretação.

Estudos minimizam dificuldades e auxiliam na assimilação e compreensão do sinal-termo; “pessoas com surdocegueira” utilizam o passado conforme as figuras 4, 5 e 6, o que, na sua maioria, descontextualiza o entendimento do ponto de locação na face dos Guias-Intérpretes e Intérpretes de Libras, gerando confusão no ato de interpretar / traduzir.

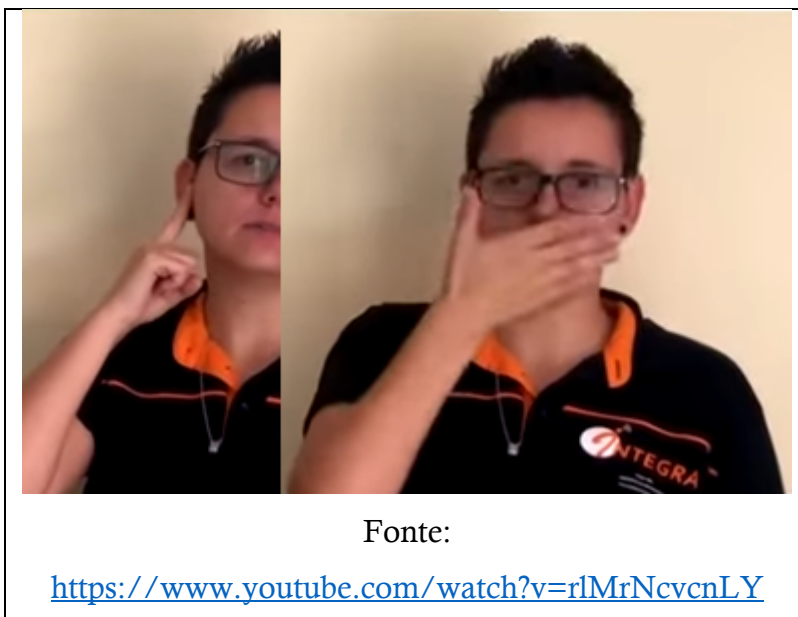
Figura 4: Sinal-termo para pessoas com surdocegueira com a CM “B” no ponto de locação da orelha para um dos olhos.



Fonte: Elaborada por uma das autoras

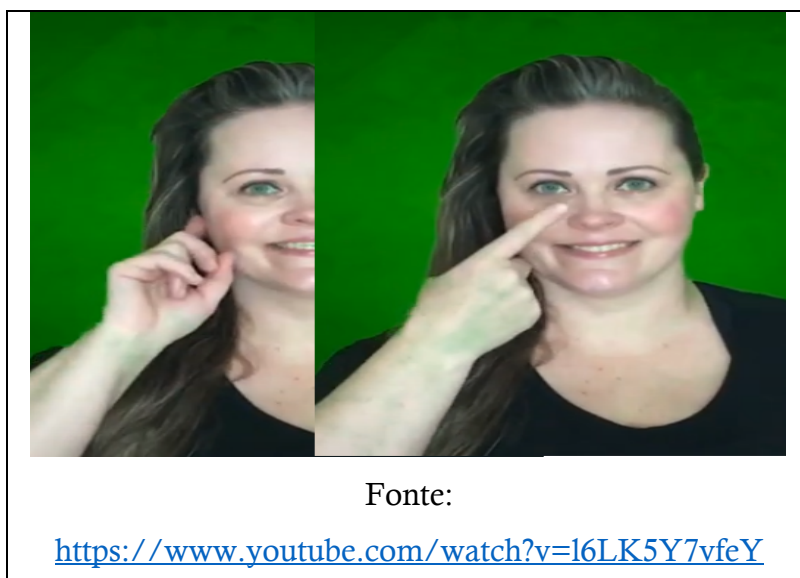
Figura 5: Sinal-termo para pessoas com surdocegueira com duas CMs: dedo indicador na locação da orelha passando para a CM “B” na locação dos olhos.

¹⁸ Grifo do autor



Fonte: Elaborada por uma das autoras

Figura 6: Sinal-termo para pessoas com surdocegueira com a CM do dedo indicador na locação de orelha passando para a locação de um dos olhos

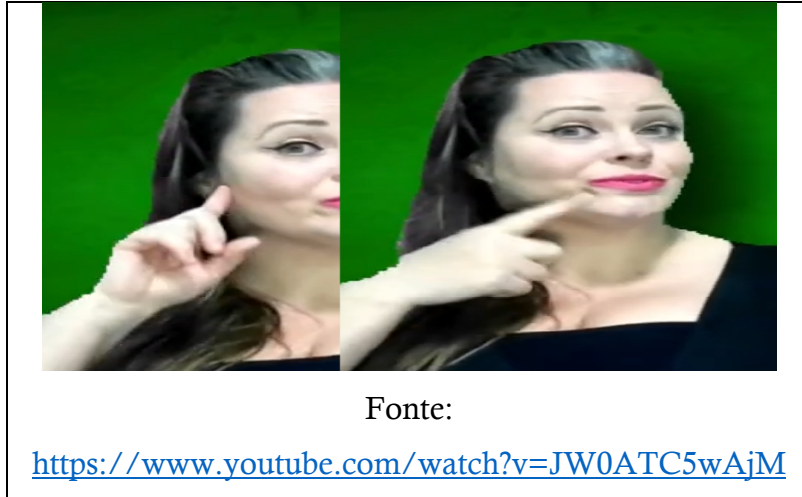


Fonte: Elaborada por uma das autoras

Na figura 6, a confusão é mais generalizada devido à locação do sinal-termo “Surdo”, que tem a velocidade e o tempo para traduzir / interpretar. O que descontextualiza no ato era a similaridade dos movimentos dos sinais-termo: “Surdos” (A CM com o dedo indicador começa na locação da orelha passando para a locação da boca)

com o sinal-termo de “pessoas com surdocegueira” (A CM com o dedo indicador começa na locação da orelha, passando para a locação de um dos olhos), conforme a figura 7:

Figura 7: Sinal-termo do “Surdo”



Fonte: Elaborada por uma das autoras

Então, uma das autoras deste artigo passou a mobilizar junto com as outras pessoas com surdocegueira, igualmente autoras deste e chegaram a um consenso em criar uma enquete que viabilizasse a criação de um sinal-termo e que a comunicação esteja mais clara e concisa.

A comunicação mais clara e concisa está de acordo com os autores Diniz (2011) e Schmitt (2008, p.110) em relação ao “do conforto linguístico” e à descoberta que as pessoas com surdocegueira podem tomar decisão sobre o grupo deles mesmo, em analogia às pessoas surdas (que não são pessoas com surdocegueira):

podem-se identificar, nas narrativas de todos os sujeitos, a total consciência do marco e das pessoas envolvidas no processo de ampliação do espaço de conforto ao surdo. É mais uma parte da história surda que se registra tendo como personagem principal o próprio surdo.

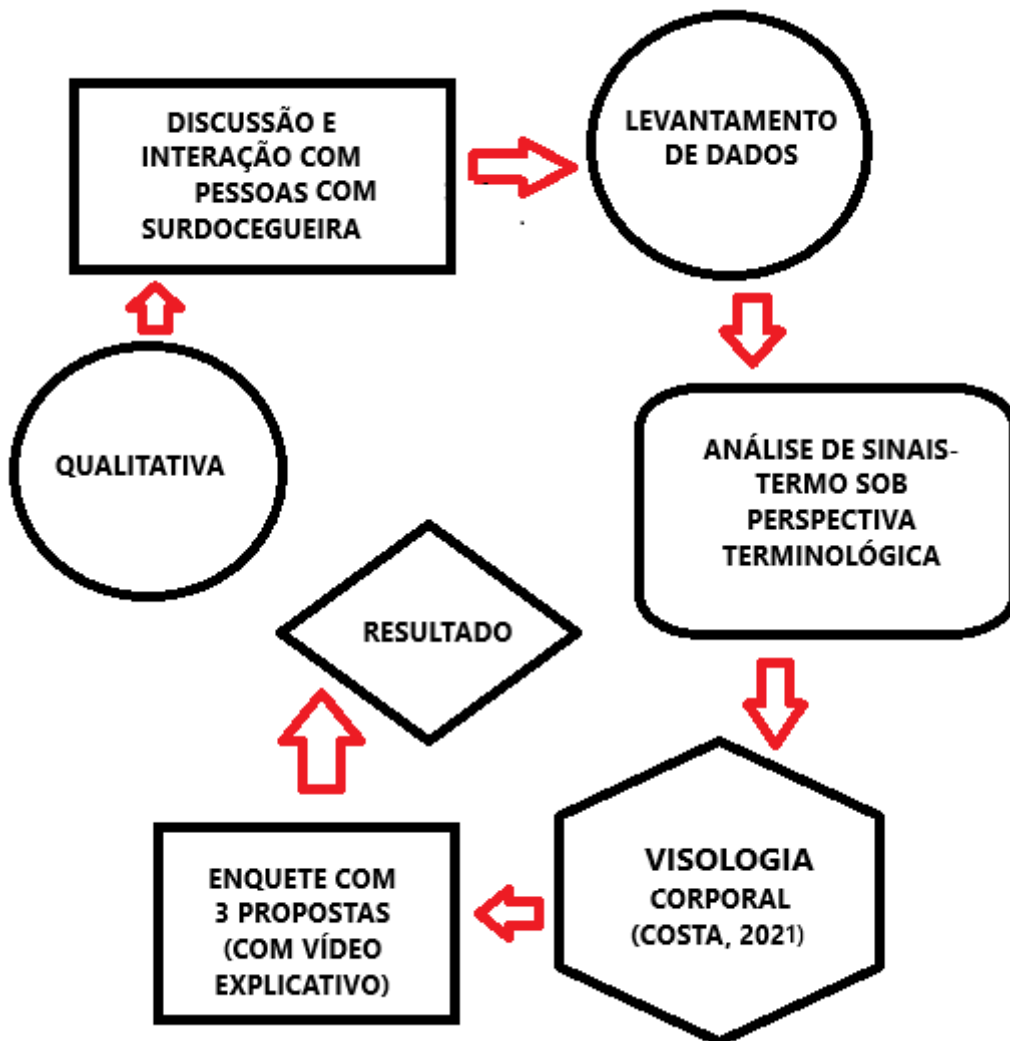
Tomou-se esse sinal-termo para a Libras por dois fatores: conforto linguístico (Diniz, 2011) e adaptação das restrições fonológicas das línguas de forma padrão no ato da sinalização e da interpretação.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Após as discussões com a participação de linguista de Letras Libras sobre a o neologismo do sinal em Libras e da terminologia do sinal-termo adequado diante da acessibilidade comunicacional.

A metodologia da pesquisa tomou como referência o passo a passo seguido por Costa (2021) e seus passos a passos, conforme a figura 8:

Figura 8: Passo a Passo, com base em Costa (2021)

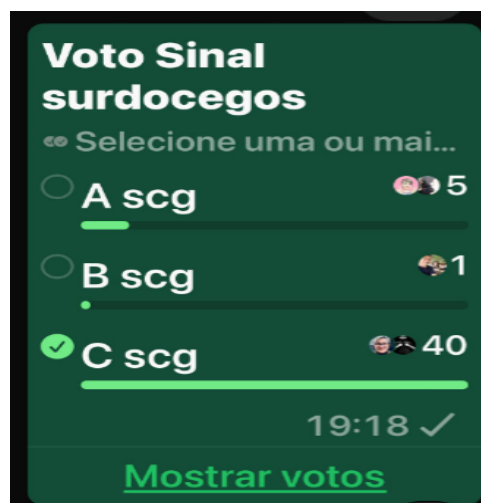


Fonte: Elaborada por uma das autoras

1. Adotou-se uma abordagem qualitativa;

2. O campo da pesquisa foi o grupo de *WhatsApp* das pessoas com surdocegueira (alguns formados em Letras Libras e mestranda orientadas pela Professora e Pesquisadora do CNPQ), no qual desenvolveu-se uma discussão e interação em grupos;
3. Realização do levantamento de dados, conforme as figuras 4, 5 e 6;
4. Análise dos sinais-termo (sob uma perspectiva terminológica) para estabelecer um conjunto de dados que pudessem relacionar devidamente os conceitos em Libras e em Língua Portuguesa, além de fundamentar as devidas correlações existentes entre ambas as línguas (Costa, 2021, apud Makhoul, 2021, p.43);
5. Leitura da abordagem teórica sobre a gramática das línguas de sinais denominada Visologia Corporal¹⁹ (Costa, 2021), que se traduz por uma leitura visual do corpo (e da face), no caso dos toques das pessoas com surdocegueira e da mente do emissor, o que influencia decisivamente nas escolhas lexicais e terminológicas, a partir de um cenário tridimensional;
6. Criação de “enquete” (figura 9) ao público das pessoas com surdocegueira do Grupo “Movimento das Pessoas Surdocego do Brasil” junto com três vídeos e propostas.

Figura 9: Enquete sobre a votação do sinal-termo para referir-se a “pessoas com surdocegueira”



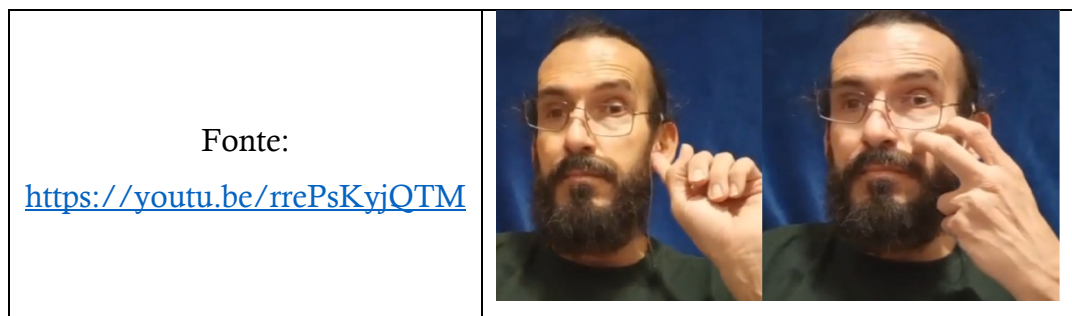
¹⁹ Trata-se de uma das características desse fenômeno linguístico a partir da compreensão da CM já que é necessário relacioná-la com os aspectos da visologia tridimensional. (Costa, 2021).

Fonte: Cópia da enquete do Grupo: “Movimento dos Surdocegos do Brasil”

7. Introdução de vídeo explicativo sobre a votação dos 3 (três) sinais-termo mais apropriados para captação e entendimento conciso do sinal, explicando como se daria a pontuação no ato de interpretação, conforme as 3 (três) propostas de sinais-termo a serem votadas, a saber:

Proposta A:

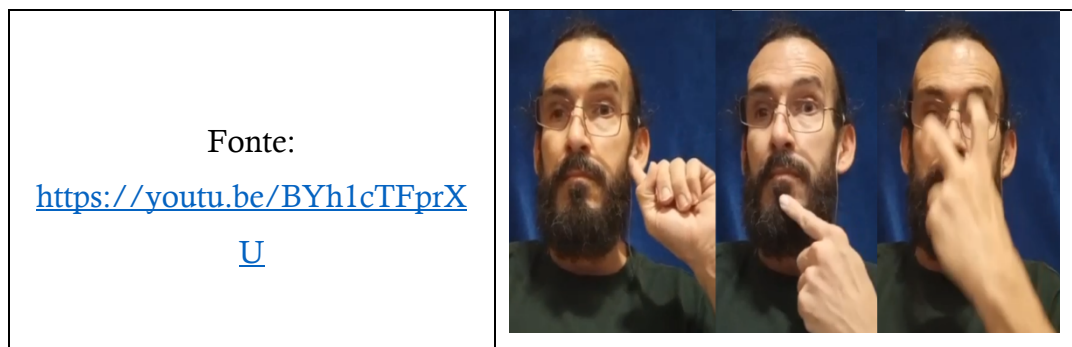
Figura 10: Sinal para pessoas com surdocegueira (SCG)



Fonte: Elaboradas pelas autoras

Proposta B:

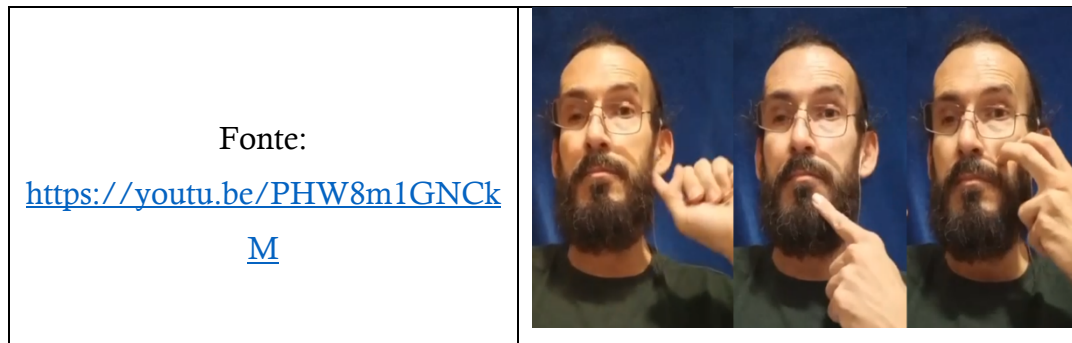
Figura 11: Sinal para pessoas com surdocegueira (SCG)



Fonte: Elaboradas pelas autoras

Proposta C:

Figura 12: Sinal para pessoas com surdocegueira (SCG)



Fonte: Elaboradas pelas autoras

Foram longos meses de esclarecimentos linguísticos antes de postar a votação sobre a indicação do melhor sinal-termo para padronizar o processo de interpretação / tradução e do entendimento claro para melhor identificar o sinal-termo “pessoas com surdocegueira” sem confundir a posição / locação e das diferentes Configurações de Mão.

Apesar de contarmos com 386 pessoas com surdocegueira, no grupo de *WhatsApp* citado, muitos têm limitações com a tecnologia e, portanto, têm dificuldade de dominar os apetrechos tecnológicos que envolvem apertar um dos botões no teclado, ou apenas, para alguns, o conhecimento tecnológico é inacessível. Somente 46 participantes responderam e o resultado segue registrado:

Proposta A – 5 votos

Proposta B – 1 voto

Proposta C – 40 votos

O sinal-termo da proposta C foi vencedor. Desta forma, resta-nos difundir, de forma intensa, o novo sinal-termo que já está sendo disseminado, com grande efeito, no *Facebook* e *Instagram*. Atualmente, algumas pessoas surdas que estão convivendo com as pessoas com surdocegueira passaram a usar o novo sinal-termo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fundamentos teóricos utilizados na pesquisa basearam-se nas características essenciais das culturas das comunidades surdas e surdocegas, assim como em autores das

áreas dos Estudos Surdos e de Estudos de Tradução; das áreas da Linguística, Semiótica e Semiologia.

As pessoas com surdocegueira se utilizam de uma língua de modalidade gesto-visual, pela qual as informações são passadas pelo seu próprio corpo, como espaço de recepção, o que acontece em perspectiva pouco diferente da perspectiva de sinalização da língua de sinais.

Este processo ainda tem muito a ser discutido em virtude de muitos profissionais não terem uma formação voltada para essas questões, que envolvem, também, a tradução e a interpretação. Além, disso, destaca-se que a legislação vigente não é cumprida.

Em síntese, este artigo teve como objetivo focar as mudanças sugeridas no sinal-termo utilizado pelos guia-intérpretes e pessoas com surdocegueira, a partir da análise e das experiências da própria comunidade das pessoas com surdocegueira e por surdo tradutor-intérprete, que, de forma empírica, e com o esforço, em tornar essa prática mais acadêmica, nos vários espaços sociais nos quais as pessoas com surdocegueira vêm conquistando e mostrando como deve ocorrer a sinalização, com enfoque na Libras-tátil.

REFERÊNCIAS

ALBIR, A.H. A Aquisição da Competência Tradutória: Aspectos Teóricos e Didáticos. In: Pagano, Magalhães e Alvez. **Competência em Tradução: Cognição e Discurso**. Belo Horizonte, UFMG, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: DF. 1996. Disponível pelo link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acessado em novembro de 2024.

BRASIL. Lei nº. 12.319 de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Presidência da República. Casa Civil. Brasília: DF. 2010. Disponível pelo link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acessado em novembro de 2024.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de Agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: DF. 2021. Disponível pelo link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acessado em novembro de 2024.

BRASIL. Lei nº 14.605 de 20 de Junho de 2023. Institui o Dia Nacional da Pessoa com Surdocegueira. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: DF. 2023. Disponível pelo link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114605.htm. Acessado em novembro de 2024.

BRASIL. Lei nº 14.704, de 25 de Outubro de 2023. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Presidência da República. Casa Civil. Brasília: DF. 2023. Disponível pelo link: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.704%2C%20DE%2025%20DE%20OUTUBRO%20DE%202023&text=Alterar%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.319,Brasileira%20de%20Sinais%20\(Libras\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.704%2C%20DE%2025%20DE%20OUTUBRO%20DE%202023&text=Alterar%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.319,Brasileira%20de%20Sinais%20(Libras)). Acessado em novembro de 2024.

BRASIL. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: DF. 2004. Disponível pelo link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acessado em fevereiro de 2025.

CAMPELLO, Ana Regina e CASTRO, Nelson. Introdução da Glosinais como ferramenta de Tradução / Interpretação das Pessoas Surdas Brasileiras. **Revista Escrita**: PUC-RJ, RJ. Ano 2013. Número 17. 2013.

CAMPELLO, Ana Regina e LEMOS, Elis Gorett da Silveira. **Introdução aos estudos da Surdocegueira**. 1ª ed. Uniasselvi. Indaial: SC. 2020.

CAMPELLO, A. R. e S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 33, p. 143-167, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p143/27499>. Acessado em maio de 2024.

COSTA, M. R. **Enciclolibras: produção sistematizada de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira em novos eixos temáticos: LSB e LGP (“Proposta Enciclopédica: EncicloSigno em contexto”)**. Tese Doutorado. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília, 2021. Disponível pelo link: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40676>. Acessado em novembro de 2024.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. Dissertação de Mestrado. CCE. UFSC: Florianópolis. 2010. Disponível pelo link: <https://core.ac.uk/download/30374715.pdf>. Acessado em abril de 2024.

GODOY, Shirley Alves. **Convivendo e Aprendendo com o Surdocego**. Produção Didático-Pedagógico. Secretaria de Estado da Educação do Paraná - SEED Superintendência da Educação, Coordenação Estadual do PDE. Londrina: PR. Agosto de 2011. Disponível pelo link: https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_edespecial_pdp_shirley_alves_godoy.pdf. Acessado em julho de 2025.

LOURENÇO, Silvia Estrela. Guia-Intérprete para pessoa com surdocegueira: Reflexão sobre as tendências e perspectivas de sua formação. **Libras em estudo: tradução/interpretação**, FENEIS-SP, p.109-139. 2012. PorSinal. <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=16&idart=107>. Acesso em novembro de 2024.

MAKHOUL, Ivonne Azevedo. **Glossário monolíngue em Língua de Sinais Brasileira: Uma importante ferramenta na formação de Guias-Intérpretes Surdos**. Dissertação. POSTRAD. UNB: Brasília. DF. 2021. Disponível pelo link: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/41888>. Acessado em novembro de 2024.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. Programa de Ação Mundial para as Pessoas Deficientes. Câmara Legislativa. Brasília: DF. 1982. Disponível pelo link: https://www.camara.leg.br/Internet/comissao/index/perm/cdh/Tratados_e_Convencoes/Deficientes/programa_acao_mundial.htm. Acessado em junho de 2025.

OLIVEIRA, Émile Assis Miranda; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. O espaço de sinalização na Libras Tátil. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 51, n. 1, p. 263-282, abr. 2022. Disponível pelo link: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3333>. Acessado em abril de 2025.

OLIVEIRA, E. A. M.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras Tátil: um estudo bibliográfico. In: XIX SPLIN, São Carlos. **Anais eletrônicos do XIX SPLIN**. São Carlos: UFSCar. 2020. Disponível em: <https://ufscarsplin.wordpress.com/anais/> Acessado em abril de 2025.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível pelo link: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/192-secretarias-112877938/seesp-educacao-especial-2091755988/12677-o-tradutor-e-interprete-de-lingua-brasileira-de-sinais-e-lingua-portuguesa>. Acessado em dezembro de 2024.

QUADROS, Ronice; SOUZA, Saulo Xavier de. Aspectos da Tradução/Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. **Estudos Surdos III**. Petrópolis. Ed. Arara Azul. 2008. Vol. III. p.168-207. Disponível pelo link: http://projetoedes.org/wp/wp-content/uploads/Quadros_Ronice_Estudos-surdos-III.pdf. Acessado em abril de 2024.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÍNDROME de Usher Brasil. **A Surdocegueira**. Organizada pela Ana Lucia Perfoncio, Site. 2016. Disponível pelo link: <https://www.sindromedeusherbrasil.com.br/surdocegueira>. Acessado em junho de 2025.

SOUZA, Luiz Cláudio da Silva. **A construção do Ethos dos tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais e português**: concepções sobre a profissão. dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. UFRJ: Rio de Janeiro, 2014. Disponível pelo link: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190993/SOUZA%20Luiz%20Cl%C3%A1udio%20da%20Silva%202014%20%28disserta%C3%A7%C3%A3o%29%20UFRJ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, Acessado em abril de 2025.

YOUTUBE:

INTEGRA SURDOS. Sinal de Surdo Cego em Libras. YouTube. 3 de abril de 2020. Disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=r1MrNcvcnLY>. Acessado em novembro de 2024.

OJOASBITTENCOURT E OUTROS. Cantando o salmo 441 em Libras Tátil. Instagram. Disponível pelo link: <https://www.instagram.com/reel/DCK1WK3v5Q6/?igsh=cjA2bXhucXFuY3Zv>. Acessado em novembro de 2024.

TATILS LIBRAS. Pessoas com surdocegueira – Libras. YouTube. 26 de jun. de 2018. Disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=l6LK5Y7vfeY>. Acessado em novembro de 2024.

UNIVERSO DA SURDOCEGUEIRA - GB e Ahimsa. Formas de Comunicação na surdocegueira - Rafaela Adle. YouTube. 4 de jun. de 2020. Disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=Kef8Iy2gsTo>. Acessado em novembro de 2024.

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 12 de setembro de 2025.

Aprovado: 03 de fevereiro de 2026.

Publicado: 25 de março de 2026.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Autores; **Introdução ou Considerações iniciais:** Autores; **Referencial teórico:** Autores; **Metodologia:** Autores; **Análise de dados:** Autores; **Discussão dos resultados:** Autores; **Conclusão ou Considerações finais:** Autores; **Referências:** Autores; **Revisão do manuscrito:** Autores; **Aprovação da versão final publicada:** Autores.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Falange Miúda os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Falange Miúda têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença *Creative Commons Creative Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (*Double blind peer review*).

Editor

Marcus Garcia de Sene

Publisher

Este artigo foi Publicado na Revista Falange Miúda vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco - UPE. A Revista Falange Miúda publica artigos de natureza técnico-



científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da Universidade de Pernambuco. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na Avaliação CAPES (2017-2020) a Revista Poiesis Pedagógica obteve Qualis B3.

